

AMINATA SOW FALL: RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA DE EXPRESSÃO LITERÁRIA EM SEU ROMANCE *DOUCEURS DU BERCAIL* (1998)¹

Ana Cláudia Romano RIBEIRO*
Gabriela Rodrigues de OLIVEIRA**

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a relação entre a língua francesa e a língua de origem africana, o wolof, presentes no romance *Douceurs du bercail* (1998), da escritora senegalesa Aminata Sow Fall. Para isso, primeiramente, iremos discutir algumas implicações do conceito de literatura francófona, da qual faz parte o romance de Fall (COMBE, 2010; MOURA, 2019). Em seguida, apresentaremos um panorama da situação plurilinguística do Senegal, evidenciando a coexistência de variadas línguas na sociedade senegalesa (CISSE, 2005). Por fim, apresentaremos a obra de Fall dentro desse contexto linguístico. Buscamos, com a análise, compreender como as palavras em wolof são importantes para a construção e compreensão mais profunda da obra, e como elas carregam o universo social da autora (BOCANDE, 2005; CALÍ, 2017; COMBE, 2010; DIA, 2016; FEUTREL, 2019).

PALAVRAS-CHAVES: *Douceurs du bercail*. Aminata Sow Fall. Literatura senegalesa. Literatura francófona. Wolof.

* UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Letras. Guarulhos - SP - Brasil. 07252312 - acrribeiro@unifesp.br

** Mestranda em Estudos Literários. UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Guarulhos - SP - Brasil. 07252-312 - gabriela.rodrigues18@unifesp.br

¹ Este artigo é fruto de nossa pesquisa de iniciação científica intitulada "O tratamento literário do tema dos deslocamentos territoriais em *Douceurs du bercail*, romance da escritora senegalesa Aminata Sow Fall", financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo: n° 2019/11387-0

Introdução

A palavra *francofonia* engloba todo um conjunto de universos políticos, literários e linguísticos. Jean-Marc Moura (2019) retoma a história da criação desse termo: o adjetivo *francófono* foi criado pelo geógrafo Onésime Reclus em sua obra *France, Algérie et colonies*, de 1880. O geógrafo serviu-se dele para se referir às pessoas que tinham a língua francesa em comum: “Ele significa então: quem fala francês.” (MOURA, 2019, p.13)². Como derivação desse adjetivo, nasceu também o substantivo *francofonia*, que, de acordo com Combe, é o “[...] conjunto daqueles que falam francês; mais particularmente o conjunto dos países de língua francesa.” (COMBE, 2010, p.7)³. No começo, os termos eram pouco usados; foi somente após a Segunda Guerra Mundial que eles tomaram uma dimensão maior (MOURA, 2019, p.13). O poeta Léopold Sédar Senghor deu ao termo a seguinte acepção: “A Francofonia é este humanismo integral, que se tece ao redor da terra; esta simbiose das ‘energias dormentes’ de todas as raças, que despertam para seu calor complementar.” (SENGHOR apud MOURA, 2019, p.13)⁴. O sentido dado por Senghor à *francofonia* pode ser entendido como a união de todos aqueles que, independentemente da origem, compartilham algo em comum, uma potencialidade produtiva.

Em 1969, houve uma conferência de estados francófonos na Nigéria, na qual foi sugerida a fundação da *Agence de coopération culturelle et technique* (ACCT), criada no ano seguinte com o propósito de desenvolver e facilitar o diálogo entre os países onde a língua francesa é a língua materna ou oficial (JOURBERT, 1997) e que, depois, se tornou a *Agence intergouvernementale de la francophonie*. Em 2005 foi fundada a *Organisation internationale de la francophonie* (OIF), que busca fomentar o desenvolvimento da língua e da cultura francesa organizando, todos os anos, eventos com os chefes de estados que fazem parte desse grupo.

Essas instituições, como se percebe, dão à Francofonia um caráter oficial. Combe ressalta que o âmbito da francofonia oficial, portanto político, é representado pela administração dos países que têm a língua francesa como idioma oficial, mas ele ressalta também a existência do fenômeno mais geral da

² “Il signifie alors: ‘qui parle français.’ (MOURA, 2019, p.13). Todas as traduções são nossas, salvo indicação em contrário.

³ “[...] ensemble de ceux qui parlent français; plus particulièrement ensemble des pays de langue française.” (COMBE, 2010, p. 7).

⁴ “La Francophonie, c’est cet humanisme intégral, qui se tisse autour de la terre: cette symbiose des ‘énergies dormantes’ de toutes les races, qui s’éveillent à leur chaleur complémentaire.” (SENGHOR apud MOURA, 2019, p. 13).

Aminata Sow Fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

francofonia, que escreve com letra minúscula, e que seria a designação para as práticas não-oficiais da língua francesa, que ele chama de “*francophonie réelle*”: “[...] existe uma francofonia ‘real’, de campo, que não corresponde necessariamente à Francofonia política [...]” (COMBE, 2010, p.11)⁵. A “francofonia real” distingue-se da Francofonia como organização política, ligada a um contexto de dominação colonial. O autor explica essa diferença pelo exemplo do que acontece em algumas sociedades:

Le Sénégal et la Tunisie relèvent à la fois de la Francophonie et de la francophonie, tandis que l’Algérie recuse la Francophonie alors même que le français y reste encore largement en usage. L’Égypte, où la francophonie se limite à une élite, joue quant à elle un rôle important dans les instances de la Francophonie. Au centre de la Francophonie, sur le territoire de la République française elle-même, qui ne reconnaît que le français comme langue officielle, d’autres langues sont parlées chaque jour par des milliers de sujets, non seulement des langues européennes (ou supposées telles), “régionales” comme le breton, le corse, le catalan, le basque, l’alsacien, que certains considèrent comme en sursis, mais encore des langues véhiculaires non européennes comme l’arabe, le berbère, le turc, le wolof, le malinké (pour ne pas citer le créole, qui pose des problèmes spécifiques). (COMBE, 2010, p. 11).

Observamos, portanto, a complexidade desse universo francófono e de suas relações. Em alguns países, como explica Combe, estão presentes tanto a “Francofonia oficial” quanto a “real”, e essa presença se articula de modos diferentes segundo o país. Há outros em que a língua francesa é considerada língua oficial e onde são desconsideradas, do ponto de vista administrativo, as outras línguas faladas por sua população. Os cenários são variados, como evidencia o autor, mas pode-se dizer, como conclui Moura, que a Francofonia, na esfera oficial, “exalta o universalismo”, e esse universalismo permite que se considere a França como “centro”, à medida que se confere a ela uma posição de sociedade mais elevada nesse universo francófono: “[...] esse universalismo faz da França o centro do mundo, de Paris o centro da França e a francofonia torna-se então ‘um dos pilares dessa França mundial’.” (MOURA, 2019, p. 14)⁶.

⁵ “[...] il existe une francophonie ‘réelle’, de terrain, qui ne correspond pas nécessairement à la Francophonie politique [...]” (COMBE, 2010, p.11).

⁶ “[...] cet universalisme fait de la France le centre du monde, de Paris le centre de la [sic] France et la francophonie devient alors l’un des piliers de cette France mondiale’ [...]” (MOURA, 2019, p. 14).

Visualizamos esse contexto na divisão que faz Combe entre o “Mundo francófono do Norte” e o “Mundo francófono pós-colonial do Sul”. Fazem parte do primeiro grupo os seguintes países: “Europa (Suíça, Bélgica, Luxemburgo, Vale de Aosta, Romênia); América do Norte (Quebec, [...] no Canadá: Acadia, Ontário, Manitoba), nos Estados Unidos [...]: Louisiana, Vermont etc.), Terra Nova.” (COMBE, 2010, p.9). O segundo grupo conta com África (Magrebe: Tunísia, Argélia, Marrocos) e África subsaariana (Costa do Marfim, Senegal, Chade, Mali, Níger, Gabão, Camarões, Congo); Caribe (Guiana, Martinica, Guadalupe, Haiti); oceano Índico (Madagascar, Djibouti, Comores, Ilha da Reunião, Ilhas Maurício); Oriente Médio (Síria, Líbano, Egito); sudeste da Ásia (Vietnã, Camboja, Laos); Pacífico (Nova Caledônia, Polinésia francesa) (COMBE, 2010).

É importante ressaltar que muitos dos países francófonos do Sul foram colonizados pela França e que a língua francesa passou a fazer parte do panorama linguístico desses países após processos de dominação e colonização. Foi desse modo que a língua francesa entrou em contato com as línguas locais dessas regiões provocando, nas palavras de Combe, um “choque” linguístico, tornando essas regiões e sociedade plurilinguísticas (COMBE, 2010, p.9).

Nesse cenário, Combe explica por que é impossível tratar da Francofonia como se ela fosse uma noção estável e unilateral, uma vez que os países francófonos têm suas próprias diversidades, algo que pode ser percebido em suas produções literárias:

Les littératures francophones des Antilles, du Maghreb et d'Afrique subsaharienne portent la marque évidente d'une interaction des langues et des cultures, dans une confrontation parfois violente. Certes, les histoires des deux mondes se croisent, se rejoignent et s'entrelacent, mais elles produisent des situations très différentes, suscitant à leur tour des rapports à la langue et à culture françaises radicalement, qui influencent de manière décisive la production littéraire. Un abîme sépare la francophonie en Algérie, province arabe de l'Empire ottoman lorsqu'elle est conquise par l'armée française en 1830, et Suisse romande, où l'on parle français depuis que le français existe, et qui n'a jamais été sous domination française. Les différences de situation sont même si profondes que certains critiques s'interrogent sur la pertinence de l'idée de "francophonie" [...] pour rapprocher des littératures et des cultures que parfois tout sépare. (COMBE, 2010, p. 9).

Conforme o excerto, as literaturas da África subsaariana francesa, das Antilhas, e do Magrebe apresentam marcas oriundas dos processos violentos de colonização pelos quais passaram, diferentemente das literaturas produzidas em países que têm a língua francesa desde sua formação; dentro de cada um desses grandes grupos há uma variedade considerável. Isso leva o autor a se questionar sobre o uso de um termo único para referir toda essa diversidade cultural como se fosse uma coisa só. Se o termo Francofonia foi criado tendo como único critério a língua, “a identidade não se reduz à língua (COMBE, 2010, p. 9)⁷. É preciso, portanto, que se leve em conta a identidade ou as identidades plurais de cada um desses países chamados de francófonos.

Moura trata da diferença entre a literatura francesa e as literaturas francófonas. De acordo com ele, “[...] afirmou-se uma separação entre a literatura francesa, elemento notório do patrimônio e do prestígio da nação, e as literaturas francófonas [...]” (COMBE, 2010, p.15)⁸. Segundo o autor, o termo “literatura francesa” remete, logo de imediato, à literatura produzida por autores nascidos em solo francês e que são considerados como grandes clássicos. Moura reflete então sobre a especificidade da literatura francófona:

[...] l'ensemble “lettres francophones” créerait au sein des littératures de langue française une catégorie non homogène où se verraient relégués les écrivains nés hors de France et/ou nourris d'une culture différentes. Il s'agirait non seulement d'un ghetto mais l'établissement de frontières entre “littérature française” et “littératures francophones” reviendrait souvent à considérer que de l'une à l'autre se produit une perte d'importance symbolique. (MOURA, 2019, p. 16).

A francofonia literária representaria a junção de todas as “letras francófonas”, o conjunto da literatura escrita em língua francesa fora da França, em culturas outras. De acordo com Moura, essa categoria é insuficiente, não dá conta das pluralidades dessas literaturas e acaba por dar um caráter menor aos escritores não nascidos em solo francês. Esses escritores seriam colocados à margem do centro da produção em língua francesa e ainda seriam vistos como inferiores. O autor constata, então, que a separação entre “literatura francesa” e “literatura francófona” cria uma hierarquia entre elas (MOURA, 2019, p. 16). Além disso,

⁷ “l'identité ne se réduit pas à la langue” (COMBE, 2010, p. 9).

⁸ “[...] le clivage est bien affirmé entre la littérature française, élément notoire du patrimoine et du prestige de la nation, et les littératures francophones [...]” (COMBE, 2010, p. 15).

Moura aponta para a distinção falaciosa entre literatura francesa e literatura francófona, uma vez que a própria França é francófona:

Il conviendrait d'aboutir à une conception des lettres francophones qui ne soit ni le bloc des 'littératures françaises hors de France', ni l'unanimité, fallacieuse et politiquement ambiguë, d'une 'communauté de locuteurs'. Cela suppose d'accepter ce fait très simple que la France est aussi un pays francophone. Dès lors, "intégrer les études francophones dans l'histoire de la littérature française, ou 'francophoniser' celle-ci, permet de dépasser les relents nationalistes de l'histoire littéraire". Les "littératures francophones" apparaissent ainsi plutôt comme un corpus à construire et analyser, appelant notamment des connaissances sociologiques, ethnologiques et linguistiques fréquemment négligées. (MOURA, 2019, p.17).

Deste modo, se entendêssemos as literaturas francófonas levando em consideração que todas as produções escritas em francês (inclusive aquelas produzidas pela França) fazem parte de um todo francófono, assim como se compreendêssemos que esse “todo francófono” não significa nem representa uma única comunidade de falantes, seria possível, como coloca o pesquisador, juntar essas literaturas em uma única história literária. Uma história literária ampla, que incluiria países francófonos e integraria tanto suas especificidades quanto o fato de pertencerem a um conjunto maior, supranacional. Isso permitiria que as literaturas francófonas fossem compreendidas em um campo mais vasto e abrangente, e que pudessem ser, todas elas, igualmente vinculadas a outros campos do saber, como sociologia, antropologia e linguística.

Tendo em vista esse contexto de discussões acerca da noção de francofonia e de literatura francófona, adentraremos no contexto cultural, linguístico e político da obra *Douceurs du bercaïl*, da escritora senegalesa Aminata Sow Fall⁹. Para isso, é preciso que apresentemos um panorama do cenário linguístico no Senegal.

Panorama do cenário linguístico no Senegal

O Senegal, país natal da autora, sofreu com processos violentos durante a invasão e dominação das metrópoles imperialistas durante os séculos XIX e XX. Em 1960, o país conquistou sua independência, como aconteceu com outros países da África ocidental e equatorial francesa. No entanto, mesmo com

⁹ Confira Fall (1998).

Aminata Sow Fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

a independência, não se apagaram as marcas que o imperialismo deixou no continente africano. A colonização, como constatou Aimé Césaire (2006, p.12), foi um processo de aniquilamento de culturas, de terras confiscadas, de religiões e identidades destruídas, e de possibilidades que foram tomadas das mãos dessas sociedades.

Na esteira de Césaire, Ngũgĩ wa Thiong’o, em seu livro *Décoloniser l’esprit*, acrescenta que, além de explorar economicamente o povo africano, um dos objetivos dos imperialistas foi controlar o universo mental dos colonizados. Os colonizadores perceberam a importância de controlar a percepção que os colonizados tinham de si levando, também, à modificação da relação que eles tinham com o mundo:

Mais le champ le plus important sur lequel il [o colonialismo] jeta son emprise fut l’univers mental du colonisé: les colonisateurs en vinrent, par la culture, à contrôler la perception que le colonisé avait de lui-même et de sa relation au monde. (THIONG’O, 2011, p. 38).

Sem essa forma de domínio, os imperialistas não teriam conseguido dominar a política e nem a economia dessas sociedades. Para controlar as mentes dos colonizados, foi preciso ter algum domínio sobre a cultura deles.

A partilha dos territórios africanos e, logo em seguida, a colonização desses indivíduos, submetidos a uma nova cultura, a uma nova língua e a novas relações de dominação, foram processos dolorosos e que impactaram na forma de ser e estar no mundo. Após a descolonização, cada ex-colônia preocupou-se com a busca pela identidade nacional, tarefa um tanto quanto difícil, uma vez que anos de colonização deixaram marcas nesses povos, inclusive em relação à já citada percepção de si e de sua relação com o mundo (THIONG’O, 2011). Uma dessas marcas é a língua imposta pelos colonizadores, que é considerada como uma das formas mais eficazes de imposição de uma cultura sobre outra. De acordo com Thiong’O, ao impor a língua do colonizado sobre esses povos desejava-se suprimir as línguas autóctones faladas e escritas. Estabeleceu-se, então, uma dissociação. Thiong’O explica que “[...] o colonialismo quebrou a harmonia até então estabelecida entre a criança e sua língua [...]” (“*le colonialisme brisa l’harmonie jusque là établie entre l’enfant et sa langue*”, 2011, p. 39)¹⁰, já que a língua imposta não correspondia à da vida em comunidade. A imposição linguística

¹⁰ “[...] *le colonialisme brisa l’harmonie jusque là établie entre l’enfant et sa langue* [...]” (THIONG’O, 2011, p.39).

visava a desvalorização da cultura africana e a valorização da cultura europeia, na medida em que, por meio da língua, os colonos estavam transmitindo a sua própria cultura. Logo, a língua do colonizador foi mais umas das ferramentas de dominação do universo mental desses indivíduos. Mesmo após a superação desse processo, a língua europeia ainda se encontra presente junto com as línguas locais, sendo, portanto, uma das marcas que os europeus deixaram nessas civilizações colonizadas.

O grupo de países francófonos do Sul, do qual o Senegal faz parte, foi colonizado pela França, por isso, o idioma francês passou a fazer parte da vida plurilinguística desses países, mesmo após os processos de dominação. Se nesses países já havia uma situação de assimetrias entre as línguas locais, com a chegada da língua francesa, novas situações e assimetrias foram criadas no panorama linguístico desses países. É pela perspectiva do plurilinguismo que trataremos do país de Aminata Sow Fall, que faz parte do mundo francófono pós-colonial do Sul, conforme a já citada nomenclatura de Combe.

De acordo com Cisse (2005, p. 100), autor de um artigo sobre línguas, estado e sociedade no Senegal, há três grandes civilizações no país: árabe muçulmana, negro africana e ocidental. Segundo o autor, as principais etnias do Senegal são compostas pelos:

Wolofs 43,7 % (incluant les Lébous), Pulaars 23,2 % (incluant les Peuls 12 % et les Toucouleurs 11,2 %), Sérères 14,8 % (couvrant plusieurs langues sans intercompréhension), Diolas 5,5 % (couvrant plusieurs langues ou variétés de langues sans intercompréhension), Mandingues 4,6 %, Bambaras 1 %, e Soninkés (ou Sarakholés) 1,1. (CISSE, 2005, p.101).

Além dessas etnias africanas principais, há também etnias minoritárias que formam 4% da população: “*Maures 1,2 %, Mandiacks 0,8 %, Balantes 0,7 %, Laobés 0,4 %, Mancagnes 0,17 %, Bassaris 0,1 %, les Koniagis, Bédiks 0,4 %, Bainouks, Banouns 0,3 %.*” (CISSE, 2005, p.102). As demais são compostas por europeus, sírio-libaneses, crioulos portugueses e norte-africanos (CISSE, 2005, p.102). Juntando todas as etnias, o país totaliza cerca de 10 580 307 habitantes. A divisão linguística corresponde, de certo modo, aos grupos étnicos. Esses grupos encontram-se em diversas regiões do país. Dentre as línguas apontadas pelo estudioso, seis delas são consideradas línguas nacionais, graças ao decreto 68-871 de 24 julho de 1968. São elas: “[...] *le wolof, le sérère, le pulaar, le diola, le mandingue et le soninké* [...]” (CISSE, 2005, p.103). As línguas de tradição

Aminata Sow Fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

oral ganharam esse status de língua nacional porque foi realizado um sistema de transcrição oficial em caracteres latinos; com essa transcrição, as línguas passaram a serem chamadas de línguas nacionais.

Cisse menciona que o wolof é a língua nacional falada por cerca 80% da população senegalesa, seja como primeira ou como segunda língua, sendo ela a língua veicular do país. Já o francês ocupa no país o status de língua oficial, ou seja, ela é a língua utilizada no ensino e para questões administrativas. Cisse (2005) menciona que, de acordo com o alto Conselho de francofonia, o número real de francófonos no Senegal é de 10 % a 14 % (2005, p. 104). A escolha da língua francesa como língua oficial do Senegal se deu no momento da independência, quando essa opção parecia significar uma ideia de unidade do Estado, sendo, pois, a língua que o presidente da república e os demais órgãos administrativos deveriam adotar (mas que a maioria da população desconhecia).

Assim sendo, apesar do status que tem a língua francesa no Senegal, ela nunca foi a língua de comunicação cotidiana no país. Essa função permaneceu exercida pelas línguas locais, em particular o wolof. Nesse sentido, poderíamos nos perguntar: como a população senegalesa vê a língua francesa? Como sendo uma língua estrangeira, ou somente como uma língua utilizada para fins administrativos? De acordo com o Cisse (2005), o francês é visto pelos senegaleses como uma segunda língua utilizada pelo Estado e pela elite, e que se ensina na escola.

O contato entre a língua francesa e as línguas locais gerou estrangeirismos, tanto nas línguas locais quanto no francês falado no país. A influência das línguas locais no idioma francês é denominada “senegalismo”, o que significa que o francês falado no Senegal contém marcas das línguas locais do país. Além disso, há, frequentemente a “alternância e a mistura linguística” entre o wolof e o francês; essa particularidade linguística é chamada de *francénégalais*: “Eles comunicam em uma interlíngua (fransenegalês) dominada mais frequentemente pela mistura de francês e de wolof” (CISSE, 2005, p.105)¹¹. Vale ressaltar que esse fenômeno linguístico acontece principalmente nas áreas urbanas do país, visto que nessas regiões o nível de escolaridade é maior.

Pelo fato de o wolof ser a língua materna de quarenta e quatro por cento da população, e por ser falada e entendida por oitenta por cento da sociedade, ela ocupa um espaço de extrema importância. Cisse (2005) ressalta que nos eventos orais, sejam eles administrativos, escolares etc., é comum que se recorra sempre

¹¹ “Ils communiquent dans une interlangue (francénégalais) dominée le plus souvent par le mélange de français et de wolof.” (CISSE, 2005, p. 105).

ao wolof. Além disso, a língua também é falada em contexto religioso. Embora o wolof tenha uma função importante na sociedade senegalesa, nada indica que ele venha a se tornar o idioma nacional e oficial, já que o prestígio e o status da língua francesa permanece intacto entre os governantes.

Portanto, a atribuição do status de língua nacional não confere a essas línguas nenhum tipo de privilégio particular, uma vez que somente a língua oficial é a língua da política e do poder econômico e simbólico. Por essa razão, na sociedade senegalesa, os não-wolof buscam ensinar a seus filhos a língua francesa como ferramenta para estabelecer relações e ascender profissionalmente, em detrimento das línguas nacionais. É interessante observarmos que a relação entre o wolof e as demais línguas africanas é díspar. As pessoas que nascem em uma família falante de wolof podem não ver a utilidade de falar outra língua. Cisse salienta que isso é uma herança da época colonial, na qual o ensino do francês era feito tendo como língua de apoio o wolof. Essa relação dissimétrica causa conflitos entre os falantes de wolof e os não-falantes.

Isso posto, a partir desse panorama sobre diversidade linguística no Senegal, e depois de evidenciar alguns conflitos de interesse, nos perguntamos também como a escritora se vê e se reconhece em meio a essa situação linguística e como isso aparece em seu romance *Douceurs du Bercail*.

O romance *Douceurs du Bercail*

Aminata Sow Fall¹² faz parte do universo francófono que apresentamos acima. Dentre suas obras está o romance *Douceurs du Bercail* (1998), que conta uma história de retorno à terra natal na perspectiva de sua redescoberta e revalorização. Os deslocamentos territoriais e os espaços nos quais as personagens se movem estruturam a narrativa de *Douceurs du bercail*, na qual o tema da

¹² Aminata Sow Fall nasceu em Saint-Louis, no Senegal, em 27 de abril de 1941. Fall fez o ensino básico em seu país e em 1962 foi estudar na França, onde se formou em licenciatura em línguas modernas na universidade Sorbonne. Depois de formada retornou ao seu país e começou a trabalhar como professora de letras modernas. De 1974 a 1979 ela fez parte da *Commission Nationale de Réforme de l'Enseignement du Français*, na qual pôde participar de elaborações de materiais de ensino de francês na África. De 1979 a 1988 foi diretora das *Lettres et de la Propriété intellectuelle au Ministère de la Culture* e diretora do *Centre d'Etudes et de Civilisation*. Foi fundadora da Editora Khoudia, do Departamento Africano para a Defesa das Liberdades do Escritor (BADLE) em Dakar, do Centro Africano de Animação e Intercâmbio Cultural (CAEC), e fez parte de muitos outros projetos. Fall foi uma das primeiras mulheres a publicar uma obra em seu país. Sua primeira obra publicada foi *Le revenant* (1976). Em 1980, Fall ganhou o *Grand prix littéraire d'Afrique noire* com seu romance intitulado *La Grève des bâttu* (1979), traduzido em várias línguas e adaptado para o cinema por Cheick Oumar Sissoko em 2000 como *bâttu* (GUËYE, 2005, p. 14). Confirma Fall (1976, 1979).

Aminata sow fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

imigração, com as esperanças ou as frustrações das expectativas relacionadas a ela, da amizade e do retorno à terra natal se sobressaem.

O romance conta com onze capítulos. Podemos dizer que ele é constituído por duas partes. A primeira que vai do capítulo um ao sétimo e a segunda, do oitavo ao décimo primeiro. Na primeira parte do romance a protagonista se encontra em território francês, e na segunda, em território senegalês.

A narrativa se desenvolve através da personagem Asta Diop, protagonista de origem senegalesa. Asta é uma mulher divorciada e mãe de três filhos já adultos: Maram, Sira e Paapi. A protagonista viveu durante alguns anos na França e, no momento em que se passam os acontecimentos narrados, ela mora em seu país de origem, o Senegal.

O romance começa com Asta dentro de um avião, a caminho da França, a trabalho. Asta viaja para cumprir “[...] uma missão bem específica com um passaporte de serviço, para cobrir uma conferência cujos temas e objetivos são insistentemente repetidos em todos os meios de comunicação do mundo [...]”, nas palavras de Anne, amiga da protagonista (FALL, 1998, p. 63)¹³. Devido à sua reação exasperada face aos mecanismos de controle (e de humilhação) da alfândega, ela é levada para o *dépôt* - local para onde os imigrantes ficam aprisionados, aguardando o voo de repatriação. Nesse espaço, Asta conhece Dianor, Ségar, Yakham, Codé e outros compatriotas que, assim como ela, estão à espera de serem deportados para o seu país de origem.

A narrativa se desenvolve, em sua maior parte, no espaço desse depósito. Outros dois espaços são importantes na narrativa, são eles: o aeroporto, na França, e Naatangué, no Senegal, propriedade rural que Asta compra juntamente com os senegaleses que ela conheceu no depósito e que se tornam seus amigos, após retornar ao seu país de origem. Esse espaço representa o regresso ao verdadeiro lar desses personagens que tanto sofreram em terra estrangeira.

A língua francesa e o wolof em *Douceurs du bercail*

Como vimos, a língua francesa ocupa o lugar de segunda língua no Senegal. Combe, ao tratar do bilinguismo, constata que mesmo no caso em que o falante está em contato com duas línguas concomitantemente em sua infância, as relações entre essas línguas não serão simétricas, no sentido de que algumas competências acabam sendo mais desenvolvidas em uma língua do que na outra. Ele também

¹³ “[...] une mission bien précise avec un passeport de service, pour couvrir une conférence dont on rabâché les thèmes et les objectifs dans tous les média du monde.” (FALL, 1998, p. 63).

nota que uma dessas línguas irá predominar, distinguindo-se inclusive por ter um matiz mais afetivo para o falante. Sobre a complexa relação entre língua materna e segunda língua, ele analisa:

La langue seconde, liée à l'écriture et à la lecture, remplit d'abord une fonction sociale, tandis que la langue maternelle, le plus souvent orale, exprime plutôt les émotions primordiales, qui remontent aux origines, à la vie inconsciente du sujet. Le français comme langue seconde reste subordonné, en profondeur, à la langue maternelle, qui ne manque pas ressurgir dans l'écriture, ouvrant sur des processus "d'hybridation", de "métissage" ou de "créolisation". (COMBE, 2010, p. 89).

Ou seja, o francês cumpre o papel de segunda língua, mas, ainda que se a domine perfeitamente, a língua materna é aquela que remete à subjetividade do indivíduo e à qual a segunda língua estará sempre subordinada. Daí nascem processos "de hibridização, de mestiçagem ou de creolização", que complexificam as relações estabelecidas pelo uso das duas línguas e que também estão presentes na produção literária em francês dos escritores francófonos.

No romance de Fall, de fato, nota-se a presença de palavras em wolof, em meio ao texto em francês, recorrente em toda a obra. Vejamos o trecho que se encontra no terceiro capítulo do romance. Nesse momento, Asta já se encontra no depósito do aeroporto junto com os outros ocupantes. Nesse espaço, que é físico, mas é também literário, imigrantes senegaleses e imigrantes de outros países que não são mencionados na obra conversam. Nesse diálogo, os imigrantes não-senegaleses atribuem qualidades positivas ao povo senegalês:

Vous êtes les plus beaux, les plus intelligents!...

- Vous avez les plus belles femmes!...

Gloussements ici, rires là, siffets là-bas.

- Ça, on n'en disconvient pas... Avec leur thiouraye, némali, ceintures de perles...

- Vieux jeu! C'est démodé.

- Démodé! Même les disquettes... Elles savent mêler l'utile à l'agréable...

Rires.

- Vous avez la meilleure cuisine du monde!

- Leur ceebujen, c'est vrai que ça donne des ailes.

Rires. (FALL, 1998, p.46, grifo do autor).

Aminata sow fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

As palavras em itálico, no trecho acima, estão em wolof e são acompanhadas de notas de rodapé curtas e diretas para explicá-las. A palavra *némali* traz a seguinte definição: “Incenso” (“*Encens*”); e para *ceebujen* encontramos “arroz com peixe” (“*riz au poisson*”), comida típica senegalesa.

Note-se o substantivo *disquette* que, em “fransenegalês”, designa uma jovem atraente. Encontramos a definição desse substantivo no dicionário online *lalanguefrancaise.com*, mas nada consta no Larousse, no dicionário do CNRTL (*Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*) ou no Robert.

Combe, analisando as palavras em wolof na obra do senegalês Osmane Soucé afirma que elas fazem referência a um universo africano específico (remente a cultura, a objetos, músicas etc.), e que se tornam acessíveis aos não-falantes de wolof graças aos paratextos, que incluem as notas de rodapé ou outros textos que acompanham a obra literária (COMBE, 2010, p.141). No romance de Fall acontece a mesma coisa. A palavra *ceebujen*, no trecho apresentado, é um exemplo disso, já que leva o leitor a conhecer uma comida típica da cultura senegalesa com o auxílio da nota de rodapé.

Um outro exemplo encontra-se no capítulo 6. Nesse capítulo, conhecemos mais sobre a história do personagem Yakham que está junto de Asta no depósito. Lemos: “Yakham cresce. Sua inteligência viva indicava que Gora tinha tido uma ideia luminosa chamando-o de Yakham, pois ‘esse menino, com certeza, ainda vai longe, muito longe.’” (FALL, 1998, p.109)¹⁴. Gora é o pai de Yakham, e foi ele quem deu esse nome ao filho. Seu pai o considerava inteligente e tinha certeza de que seu filho iria conquistar grandes coisas. Nesse trecho, observa-se, no livro, que na segunda aparição do nome Yakham, ele vem em itálico e com uma nota de rodapé explicando: “Yakham: és sábio, em wolof” (FALL, 1998, p.109)¹⁵. A partir dessa nota, a nossa construção de sentido acerca do trecho citado se expande, pois através do nome do personagem mergulhamos no universo senegalês e compreendemos o significado que ele tem nessa sociedade. Esse personagem traz seu destino no nome e se inscreve na longa tradição literária dos nomes motivados.

Sobre isso, Bocade (2005, p. 5-6) constata que:

En effet, à travers la poésie des noms traditionnels, Aminata Sow Fall crée une poésie des noms propres qui contribue considérablement au charme de ses

¹⁴ “Yakham grandit. Sa vive intelligence faisait dire que Gora avait eu une idée lumineuse en l'appelant Yakham car ‘ce garçon, c’est sûr, il ira loin et très loin.’” (FALL, 1998, p. 109).

¹⁵ “Yakham: tu es savant, en oulof.” (FALL, 1998, p. 109).

romans. En même temps, que ce soit volontaire ou non, l'écrivain provoque une revalorisation des noms traditionnels [...]

Dito de outro modo, os nomes africanos, observa Bocande, dão um caráter poético à narrativa de Fall, ao mesmo tempo que valorizam a cultura tradicional, dando uma personalidade própria, senegalesa, à obra.

Analisando o uso das duas línguas presentes nas obras de Fall, Feutrel (2019, p. 10) verifica que:

Aminata Sow Fall ne pourrait en conséquence pas écrire dans le même style qu'un écrivain français. L'écriture de chaque écrivain est un produit, voire une conséquence, de sa culture. Pour Sow Fall, son style de narration n'est donc pas un choix - il est plutôt imposé par l'univers dans lequel elle a été élevée. [...] la langue et la perception du monde du locuteur vont de pair. Le lieu de naissance est un élément importante pour la personne que nous devenons.

Como evidencia Feutrel, Fall não apresenta o mesmo estilo que um escritor francês, uma vez que a forma e o estilo próprio de narração da autora estão relacionados com o seu contexto referencial. A partir dele, ela traz a cultura de seu país e imprime em sua obra, mesmo escrita em língua francesa, características específicas de sua sociedade. Em consonância com as reflexões de Feutrel, Dia comenta a relação do texto de Fall com o contexto social da escritora, trazido pela presença da língua wolof no tecido narrativo:

L'interférence abondante des mots wolof dans les romans d'Aminata Sow Fall s'analyse comme une reproduction réaliste de faits socioculturels et linguistiques. [...] "les personnages d'Aminata Sow Fall parlent un français sénégalais; d'où les répétitions délibérées de phrases clichées, le jeu des stéréotypes dans les dialogues et l'intervention fréquente du wolof pour exprimer des réalités étrangères à la langue empruntée". Cette réalité du roman de Sow Fall relève de son propre choix de créer et d'innover dans la manière d'utiliser la langue pour raffiner son style et y ajouter des ingrédients qui ne la contraignent ni la soumettent à la langue d'expression. (DIA, 2016, p. 23).

Dia evidencia, portanto, como a língua literária de Fall reproduz “fatos socioculturais e linguísticos” perceptíveis nas especificidades do francês senegalês. Assim fazendo, Fall cria sua linguagem, aperfeiçoa seu estilo e encontra sua própria expressão.

Aminata sow fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

Em uma entrevista que Aminata Sow Fall concedeu a Céline Argy, publicada na revista *Parlements et Francophonie*, ao ser questionada sobre o fato de escrever em francês, Fall responde:

Dire que le français est la langue officielle du pays est une réalité objective. J'ai choisi d'écrire en français sans déchirement, sans aucun sentiment de culpabilité parce que tout simplement dans ma conscience le français s'est intégré tout naturellement dans mon univers. Il fait partie de mon univers, de mon patrimoine culturel. (FALL, 2012).

Ou seja, a autora vê a língua francesa como parte de seu contexto social e por isso afirma que não se sente mal escrevendo nessa língua que é o idioma oficial de seu país. Acerca da relação de escritores africanos que utilizam a língua de seus antigos colonizadores como língua de criação literária, Dia (2016, p.13-14) constata:

[...] la question de langues d'expression n'est pas facile à régler d'un coup pour un continent qui a historiquement et politiquement été divisé sur le plan linguistique en sus de sa diversité culturelle qui prévaut toujours. Malgré tous les discours anticolonialistes prononcés sur ce point et le fait que nous défendons la thèse afrocentriste¹⁶, nous admettons que les langues européennes ont servi, surtout au départ de la littérature africaine où une réplique s'imposait et ne pouvait se faire que dans ces langues pour avoir effet. Aussi, ce fait se justifie-t-il comme une suite dans la manière dont les langues européennes sont utilisées.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que alguns escritores africanos se recusam a escrever na língua do ex-colonizador. Este é, um debate amplo e complexo, como mostra Dia em seu artigo. Apesar de defender uma perspectiva mais afrocentrada, o pesquisador acredita que as línguas europeias tiveram sua serventia no início da constituição de uma literatura africana escrita, já que alcançavam assim um público maior e, de certa forma, poderíamos acrescentar, respondiam assim ao colonialismo e dialogavam com a tradição literária dos colonizadores. As línguas europeias transformaram-se em ferramenta da luta anticolonialista, o que justificou a continuidade da escrita em línguas europeias por parte de alguns escritores africanos. Mesmo se servindo dessas línguas

¹⁶ De acordo com Oliveira (2018, p.55), “[...] a abordagem afrocêntrica é o olhar analítico a partir da África, dos africanos e dos negros da diáspora, buscando o protagonismo.”

européias, muitos escritores africanos trouxeram para ela diferentes formas de mestiçagem. No caso de Aminata Sow Fall, suas obras são escritas em língua francesa, mas a ela mistura-se o wolof, língua maternal, o francês senegalês e um estilo próprio. Fall senegalisa o francês ou, como deduz Dia, ela africaniza a língua do ex-colonizador (DIA, 2016).

Considerações finais

Em nosso artigo, apresentamos um pouco da complexidade semântica do adjetivo “francófono” e do substantivo “francofonia” a partir de Combe (2010) e Moura (2019), que analisam a história desse conceito e suas conotações políticas, situadas geográfica e historicamente. A literatura senegalesa pode ser entendida como literatura francófona, quando produzida em francês, tanto no sentido de ser uma literatura produzida na língua do antigo colonizador, a França, quanto no sentido lato, de ser uma literatura de expressão francesa.

Na segunda parte, tratamos da especificidade do cenário linguístico do Senegal, país onde nasceu Aminata Sow Fall que foi colonizado pela França e tornou-se independente em 1960. Apoiando-nos nos trabalhos de Cisse (2005), apresentamos, por um lado, a variedade das línguas presentes na sociedade senegalesa e mostramos que a língua mais falada pela população é o wolof, língua materna de quarenta e quatro por cento dos senegaleses; por outro lado, o francês, apesar de minoritário, é a língua do poder político, das instâncias administrativas e de grande parte da literatura escrita deste país, incluindo-se a produção de Fall. Essa contextualização nos permitiu situar o Senegal no amplo panorama das discussões sobre a Francofonia institucional e da francofonia como prática linguística (retomando a distinção discutida na primeira parte) e de adentrar no panorama linguístico e cultural senegalês, marcado pelo plurilinguismo e pela oralidade.

Por fim, aproximamo-nos mais ainda de nosso objeto, a especificidade da língua literária de Fall em *Douceurs du bercail*. Para isso, apresentamos alguns exemplos da ocorrência de palavras em wolof e em francês senegalês, que demarcam culturalmente esse romance escrito em língua francesa, analisando-os à luz da bibliografia crítica especializada (BOCANDE, 2005; CALÍ, 2017; COMBE, 2010; DIA, 2016; FEUTREL, 2019). Ao criar sua língua literária em francês ela traz em sua expressão linguística sua própria identidade, marcada pela alternância linguística de seu meio.

Aminata sow fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

Nesse contexto, ao ser questionada sobre sua concepção de escrita literária, Aminata Sow Fall ressalta que ela é um reflexo de si mesma e de sua sociedade, pois ela se inspira em tudo que a cerca:

J'ai pensé que l'on devait pouvoir créer une littérature qui reflète simplement notre manière d'être, qui soit un miroir de notre âme et de notre culture... Je me suis mise à écrire en prenant comme modèle la société dans laquelle je vivais. Je m'inspire d'abord de ce que j'observe et de ce que j'entends raconter autour de moi [...] (FALL apud CALÍ, 2017, p. 4-5).

Fall não considera o uso do francês como língua literária um problema ou causa de dilemas, pelo contrário, ela vê na língua francesa um veículo de sua fonte de inspiração: a sociedade senegalesa. Em *Douceurs du bercail*, Fall apresenta um olhar renovado para seu país, por meio de seus personagens. Ao invés de ser o lugar de onde se quer escapar para viver melhor em alguma antiga colônia, o Senegal é representado como uma terra tão rica que ainda possui lugares inexplorados, como Naatangué, que carregam possibilidades de desenvolvimento econômico concretas e onde se poderá viver melhor. Fall recria um território eutópico em seu próprio país, numa atitude que parece reconciliar violências passadas com um futuro promissor. A língua literária de Fall, incorporando o wolof e o estilo do francês senegalês, e criando assim um novo país, parece, de algum modo, exprimir um sentimento reconciliatório.

**AMINATA SOW FALL: THE RELATIONSHIP BETWEEN
MATERNAL LANGUAGE AND THE LANGUAGE OF LITERARY
EXPRESSION IN HER NOVEL DOUCEURS DU BERCAIL (1998)**

ABSTRACT: *This article aims to analyze the relationship between the French language and the language of African origin, Wolof, present in the novel Douceurs du bercail (1998), by the Senegalese writer Aminata Sow Fall. In order to do so, first, we will discuss some implications of the concept of francophone literature, of which Fall's novel is part (COMBE, 2010; MOURA, 2019). Then, we will present an overview of the plurilingual linguistic situation in Senegal, showing the coexistence of different languages in Senegalese society (CISSE, 2005). Finally, we will present Fall's work within this linguistic context. With the analysis, we seek to understand how the words in Wolof are important for the construction and deeper understanding of the work, and how they carry the social universe of the author (BOCANDE, 20005; CALÍ, 2017; COMBE, 2010; DIA, 2016; FEUTREL, 2019).*

KEYWORDS: *Douceurs du bercail. Aminata Sow Fall. Senegalese literature. Francophone literature. Wolof.*

REFERÊNCIAS

BOCANDE, U. G. La femme et les lettres: Aminata Sow Fall et l'avenir de la lecture au Sénégal. Le livre entre hier et demain. In: COLLOQUE AMINATA SOW FALL: UNE FEMME DE LETRES AFRICAINE DE DIMENSION INTERNATIONALE, 2005, Dakar. Disponível em: <https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=2e21d363-164f-aac2-31b8-f1ccb8ba9b9f&groupId=252038>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CALÍ, S. Aminata Sow Fall: Une figure Marquante de littérature sénégalaise. CONGRÈS NATIONAL DES PROFESSEURS DU FRANÇAIS, 16., Mendoza, 2017. Disponível em: <https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos_digitales/9168/03-cali-cnpf.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CÉSAIRE, A. **Discours sur le Colonialisme**. Paris: l'AAARGH, 2006

CISSE, M. Langues, Etat et Société au Senegal. **Revue électronique internationale de sciences du langage sudlangues**, n. 5, p.99-133, dec. 2005. Disponível em: <<http://www.sudlangues.sn/IMG/pdf/doc-109.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

COMBE, D. **Les littératures francophones**: questions, débats, polemiques. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

DIA, A. A. Problématique de la langue dans les littératures africaine et africaineaméricaine. **Covenant Journal of Language Studies (CJLS)**, v. 4, n.2, p.8-30, dec. 2016. Disponível em: <<https://journals.covenantuniversity.edu.ng/index.php/cjls/article/view/378>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FALL, A. S. Entretien avec Aminata Sow Fall, écrivain sénégalais [Entrevista concedida a] Mme Céline Argy. **Parlements et Francophonie**, n. 28, fev. 2012. Disponível em: <<https://apf.francophonie.org/Entretien-avec-Aminata-Sow-Fall.html>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

_____. **Douceurs du Bercail**. Abidjan: Nouvelles Editions Ivoiriennes, 1998.

_____. **La Grève des Bâttu ou les Déchets humains**. Dakar: Nouvelles éditions africaines, 1979.

_____. **Le Revenant**. Dakar: Nouvelles éditions africaines, 1976.

FEUTREL, A. **Une étude sur la corrélation entre la culture et la langue par l'emploi du wolof dans La grève des bâttu d'Aminata Sow Fall**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade de Dalarna, Suécia. Disponível em: <<https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1287819/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

GUÈYE, M. **Aminata Sow Fall, oralité et société dans l'oeuvre romanesque**. Paris: L'Harmattan, 2005.

JOUBERT, J. -L. **La Francophonie**. Paris: Clé International, 1997.

Aminata sow fall: relação entre língua materna e língua de expressão literária [...]

MOURA, J.-M. **Littératures francophones et théorie postcoloniale**. 3.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2019.

OLIVEIRA, L. P. da S. de. Afrocentricidade. **PAIDEIA – Revista de Sociologia e Filosofia do Colégio Estadual do Paraná**, n. 11, p.55-58, ago. 2018. Disponível em: <http://www.cep.pr.gov.br/sites/cep/arquivos_restritos/files/documento/202001/afrocentricidade.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

THIONG'O, N. wa. **Décoloniser l'esprit**. Tradução: Sylvain Prudhomme. Paris: La Fabrique éditions, 2011.

BIBLIOGRÁFIA CONSULTADA

AZEVEDO, D. de. **Grande dicionário português-francês**. 9. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1989.

_____. **Grande dicionário francês-português**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.

BOAHEN, A. A. (Ed.). Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Editado por Albert Adu Boahen. 2.ed. Brasília: Unesco, 2010a. p.21-50.

_____. Iniciativas e resistência africanas na África ocidental, 1880-1914. In: HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Editado por Albert Adu Boahen. 2.ed. Brasília: Unesco, 2010b. p.51-72.

FALL, A. S. Entretien d'Edwige H. avec Aminata Sow Fall. [Entrevista concedida a] d'Edwige H. **Africultures**, Senegal, n. 4048, set. 2010. Disponível em: <<http://africultures.com/entretien-dedwige-h-avec-aminata-sow-fall-4048/>>. Acesso em: 28.mar. 2020.

_____. À la recherche de l'âme africaine: écriture et imagination chez Aminata Sow Fall. [Entrevista concedida a] Ada Uzoamaka Azodo. CAEC, Dakar, mar. 2005. Disponível em: <<http://docplayer.fr/11092944-A-la-recherche-de-l-ame-africaine-ecriture-et-imagination-chez-aminata-sow-fall.html>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MAZRUI, A. A.; WONDJI, C. A África Ocidental. In: HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, VIII: África desde 1935. Editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Brasília: UNESCO, 2010. p.191-228.

OLIVEIRA, G. R. F. de. **Le noire de... em novela e filme**: uma visão da identidade cultural senegalesa. 2015, 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde11112015-141015/publico/2015_GlauceiaReginaFernandesDeOliveira_VCcorri.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

